

PEDRO E MILA

Uma história de encontros e
desencontros

MIRO TEIXEIRA

PEDRO E MILA

Uma história de encontros e
desencontros

MIRO TEIXEIRA

BRASÍLIA-DF
2021

© 2021, Algemiro Teixeira da Silva Filho

Direitos Reservados, lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Título: Pedro e Mila, uma história de encontros e desencontros

Edição do Autor - Miro Teixeira

algemiroteixeira@hotmail.com

Composição/Editoração: prof. John Land Carth

Cigana - Assessoria em Publicações

1ª Edição do Autor: maio, 2021

Edição independente.

Teixeira. Miro, 2021.

Pedro e Mila, uma história de encontros e desencontros /Miro Teixeira – Brasília-DF:

1ª Edição Independente, 2021.

319 p.

1. Romance 2. Literatura brasileira; 3. Novela.

ISBN -978-65-002-3901-0

IMPRESSO NO BRASIL

2021

Para todos que também têm
histórias em desencontros.

PREFÁCIO

Essa história tem seu início em um período, anterior ao reencontro de Pedro e Mila, amigos de infância.

Isso acontece quando ela, ainda bem jovem, atordoada por não saber o que fazer com uma gravidez não planejada, e sem ter tido a chance de se casar, desesperada ela procura ajuda onde quer que possa conseguir, mas sem sucesso.

Os problemas se avolumaram quando ela descobre que espera um filho e precisa contar à família que está grávida, e que seu namorado não quis assumir a responsabilidade pela criança, alegando motivo de estudo.

Seu Cícero, pai de Mila, ao ouvir sua breve história de amor, não se conteve, e irado, a atacou com tudo que podia dizer de ruim. Colocando-a para fora de casa, coroando toda sua indignação nesse ímpeto de cólera.

Por mais que sua mãe e irmãs implorassem para que ele voltasse atrás nessa estapafúrdia decisão, elas não conseguiram demovê-lo.

Desalentada, ela então escreveu uma carta a Pedro, o amigo de infância, que nas brincadeiras da rua sempre demonstrara ter por ela certo afeto.

Custava-lhe muito ter que pedir socorro a ele, mas era sua derradeira tentativa, e se não desse certo, nada mais poderia fazer, a não ser sujeitar-se a ajuda do estado.

Ouvira que seria melhor tirar a criança, e ela, horrorizada com tamanho descalabro vindo da própria tia, rejeitou de imediato essa possibilidade, e saiu porta a fora sem se dignar a olhar para trás.

Mila, antes de tudo era uma forte, que apesar das circunstâncias, estava decidida a não aceitar a ajuda financeira do Beto, mesmo sabendo que não poderia ficar na casa dos seus pais, não lhe passava pela mente nem um instante, procurar o abrigo para mães solteiras da cidade: Ela então tomou coragem, e escreveu-lhe uma carta solicitando amparo.

Vamos contar essa história desde o princípio. Quando ela conheceu seu primeiro amor. Encantara-se por um rapaz na festa de Nossa Senhora da Vitória, e permitiu que ele se aproximasse.

Ela não ouvia a voz da razão, e da cautela, enfeitiçada que estava pelos olhares instigantes, pelos doces sorrisos e belas palavras que indubitavelmente obstruíam sua visão, sem que conseguisse se proteger, ou sem que percebesse o perigo que corria, e foi então arrastada para uma armadilha de perdição, porém tudo aconteceu em nome de um falso amor dele por ela, mas ela, jurava sentir por ele.

PEDRO E MILA

A história que estamos agora contando é uma narrativa focalizando a vida de Pedro e Mila, mas que por certo, não será só deles, pois muitas outras pessoas transitam nos mais diversos momentos e situações dessa novela.

Pedro saiu do Nordeste, mais especificamente de Teresina, Piauí, vindo para Brasília, no início da década de setenta, com o planejamento familiar de aqui se estabelecer. A decisão de vir para cá, portanto, não foi dele, pois na época nem mesmo tinha idade para liderar tal iniciativa. Seu Severino, seu pai, ao ser dispensado do seu emprego em uma fazenda onde trabalhava como jardineiro há muitos anos, resolveu mudar de ares, e aventurar-se junto com dona Abigail, sua esposa, e seus dois filhos, na recém-construída Capital Federal.

Para Pedro, rapaz acabando de entrar na adolescência, e assim passando a ver o sexo oposto com maior interesse, essa mudança foi um transtorno,

suscitando que deixasse sua possível futura namorada, bem como os amigos de infância para trás.

Por seu pai ter decidido se mudar definitivamente de lá, abandonando tudo que realizara até então, tomando essa decisão apenas por ter lido a notícia no jornal, de que Brasília era a terra da promessa, então ele resolveu tentar mudar seu rumo e seus planos, vislumbrando melhores oportunidades de trabalho para seus filhos e para ele próprio, em um ímpeto de uma coragem transloucada.

Ele recebeu o apoio e a concordância de todos da família, e saiu de lá, sem nem mesmo levar a mobília e os utensílios, partindo da noite para o dia. Deram os objetos que tinham muito uso, e aquilo que não poderiam levar consigo. Venderam para os vizinhos por qualquer preço as coisas de maior valor. Ficaram com o imprescindível, e que desse para trazer no ônibus.

Ao finalmente desembarcarem na plataforma interestadual da rodoviária do plano, ficaram encantados com tudo que viam, olhando para toda parte.

Seu Severino então, como os filhos não se interessaram pelo lugar, ele pegou dona Abigail pela mão e disse:

- Vamos andar adiante para ver de perto os prédios, está certo?

E continuou:

- Vocês então fiquem aqui tomando conta das malas.

- Mas fiquem de olhos bem abertos para não perderem nenhuma mala!

- Enquanto vocês nos esperam voltar, comam um pastel e tomem um caldo de cana para enganar a fome, disse ele fazendo graça, mas com o mal humor que os filhos estavam, ninguém riu.

Meio desconcertado pela graça que ele fez não ter tido graça, ele falou:

- Nós não vamos longe, e nem vamos demorar.

E concluiu:

- Sei que estão cansados da viagem.

- Logo que retornarmos vou encontrar um lugar para descansarmos.

- Amanhã bem cedo quero sair para procurar por um aluguel.

Seu severino arrumou as malas encostadas em um pilar em frente a pastelaria Viçosa para acomodá-las, e depois saíram.

Eles caminhavam na imensa área à sua frente de um verde tão verde que nem parecia ser Brasília dos tempos de secura. O verde da área à frente era contornado pelo eixo monumental, na ida e na volta, que por ser período de chuva, tinha uma relva muito linda.

Andando lado a lado, apreciavam a beleza dos prédios da esplanada dos ministérios.

Mesmo cansados, seguiram um pouco mais adiante, avistando ao fundo o esplendor do prédio do imponente Congresso Nacional. Queriam andar até ele, mas o que parecia perto ficava cada vez mais distante à medida que caminhavam.

Pararam em frente a majestosa e imponente catedral para se benzer e admirá-la; e na volta; permaneceram por algum tempo diante do teatro nacional, para contemplá-lo, mesmo sem saber qual seria a finalidade daquele prédio diferente e tão bonito.

Ao retornar à rodoviária Pedro e Ruth aparentavam estar irritados por terem esperado tanto tempo o retorno dos pais. Já haviam comido o pastel e tomado o caldo de cana, e agora queriam descansar da viagem horrível que fizeram.

Depois de muito perguntar, conseguiram pegar um ônibus que ia para Taguatinga, mas que passava pelo Núcleo Bandeirante. Quando lá chegaram, hospedaram-se no Hotel Central, a única referência que tinham de um local de módicos preços. Pernoitaram e pela manhã após o café, saíram e seu Severino foi procurar uma condução que os levassem à Ceilândia.

A princípio, o lugar mais conhecido por todos que aqui chegavam, era o Núcleo Bandeirante, antes conhecido como Cidade Livre. Vale comentar que ele

recebeu esse nome, pois na época da construção da capital, ali não se pagavam impostos.

Assim que seu Severino e sua família chegaram à cidade, tentaram se estabelecer naquela cidade, mas não foi possível, pois havia uma enorme escassez de imóveis, e os disponíveis estavam com valores de aluguéis extremamente altos, então a alternativa foi ir para a recém-criada Ceilândia.

Não puderam deixar de perceber que a cidade fervilhava de pessoas diferentes, vinda de toda parte, e que por certo tiveram a mesma ideia que eles de se mudarem para cá e tentar a vida.

Chegando na Ceilândia arrastando as malas pesadas naquele chão de terra batida que no caminhar levantavam um poeirão, logo perceberam que o local não era a fina flor do cerrado, mas serviria, pelo menos por enquanto. Encontrariam um local para se acomodar por uns tempos, e depois veriam o que fazer para achar coisa melhor, e que mais agradasse dona Abigail.

Construções e negócios de toda ordem aconteciam nesse quadrado no meio do Planalto Central, que de braços abertos recebia o povo que surgia a torto e a direito à procura da chance de um emprego, e de poder contribuir para a edificação dos projetos que davam

lugar no cerrado, a nova capital do país. Um lugar no meio do nada, tido como sendo o fim do mundo.

Alardeava-se a história, que para muitos menos ligados à política, que o presidente da república de alguns anos atrás, comprometera-se em criar uma povoação no meio do cerrado simplesmente por ter empenhado sua palavra em construir a nova capital federal no interior do país. Isso teria ocorrido quando ele, do alto de um palanque, em um comício durante sua campanha presidencial, fez essa promessa. Garantiu que cumpriria a constituição, e traria a capital para cá. Essa não era uma ideia nova, e sim de muito antes da implantação do regime republicano, quando uma pesquisa com o propósito de interiorizar a capital do Brasil, havia sido encomendada no período do império, mas essa ideia nunca fora colocada em prática.

Como seu Severino e sua família, muitos dos que ali chegavam, traziam consigo pouco dinheiro, mas muita fé e esperança de que tudo daria certo. Vários carregavam consigo as forças nos lombos do experiente trabalhador nas lavouras desse imenso território, acostumados as auguras de quem acreditava na vida, e vieram com as mentes repletas de sonhos. Eram pessoas vindas dos mais longínquos rincões de toda nação brasileira, e às vezes chegavam sem ter nem mesmo um plano ou projeto, mas

mantinham viva a confiança de ser este o lugar onde viveriam e criariam seus filhos.

Para os que vinham sozinhos tentar as obras, não havia qualquer empecilho, pois os alojamentos nos barracões estavam garantidos, mas quem chegava com a família, não havia imóveis o suficiente para todos os que aqui chegavam com planos de fincar o pé, e estabelecer a vida, então a luta era grande.

Retornando o olhar para Pedro e Mila, os jovens que moravam em um bairro na periferia de Teresina, no Piauí, valem lembrar suas trajetórias. Há alguns anos há trás, eles compartilhavam a infância e início da adolescência, vivendo na mesma rua; e foi ali que eles estabeleceram vínculos sentimentais que nos seus corações, prometiam durar por toda vida. Houve alegres momentos de inocentes brincadeiras nas calçadas das casas. Eram passatempos tão envolventes, que não viam as horas passarem, e continuavam na rua até que os corpos esfriassem, ou os pais os chamassem para se recolherem. Mas se não houvesse jeito e tivessem que ir embora, ficava a promessa de estarem de volta no outro dia.

Como a maioria das pessoas nessa idade, não lhes passava pela mente a ideia de futuro e o que ele os reservava. Faziam de tudo que viviam, por mais banal que fosse, momentos únicos, sem se importarem com o distante amanhã. Buscavam perpetuar o elo ali

estabelecido, para que ele, inconscientemente, marcasse a existência de cada um, e que esses lúdicos instantes de diversão, mais tarde se tornassem indubitavelmente memórias que por certo nunca seriam esquecidas.

Entre as diversas brincadeiras, a de Pêra, uva, maçã, salada mista, era a que mais os empolgava.

As regras consistiam em tampar os olhos de alguém e sair perguntando:

- É esse?

Repetiam vezes e vezes até que o participante com os olhos vendados dissesse que sim.

Se fosse sim, escolhia-se “Pêra, uva, maçã e salada mista”.

Pêra era apenas um aperto de mão.

Uva valia um abraço.

Maçã um beijo no rosto.

Mas o quente, e o que todos os meninos e meninas por sorte esperavam alcançar com a pessoa certa do seu afeto, era a salada mista que o contemplava o agraciado com um beijo na boca.

Às vezes quem conduzia, já sabendo o interesse das partes, ou seja, de quem gostava de quem, ela discretamente sem que os outros vissem, dava uma dica apontando a pessoa de interesse do participante, que por estar com os olhos vendados, apenas podia tentar a sorte, mas com essa pessoa dando uma ajudinha, ou cochichando no seu ouvido ou fazendo um sinal, para que

ela pudesse dizer “sim”, quando ela apontava a pessoa do seu interesse.

Embora Pedro e Mila não tivessem dado conta, por timidez ou qualquer outro motivo, houve um momento mágico em que a centelha desse amor surgiu, incendiando os corações daqueles pombinhos, mas pelo menos para ele, o sentimento era para toda vida.

Quando na brincadeira de Pêra, uva, maçã, salada mista, Pedro foi agraciado com um beijo nos lábios daquela que conquistará sua afeição, e sua vida mudou por completo. Sua amiga se tornou sua devoção, seu maior afeto, e ele nunca mais a esquecerá.

Desde bem jovens, as irmãs Linda, Camila (a nossa Mila da história), Maria de Lourdes e Ana Júlia estavam sempre presentes a esses encontros da mais pura diversão de rua ao cair da tarde. Nesses horários, mesmo com o cair da noite, o calor era tão intenso que ninguém aguentava ficar dentro das suas casas.

Os mais velhos com suas “cadeiras de macarrão” posicionadas nas calçadas, aproveitavam uma ou outra sombra de alguma árvore para se abrigar do sol, e ali sentados se abanando com um pano qualquer para espantar o calor, e eles ficavam até a noite no batente da porta, vendo quem passava.

Linda era a mais velha. Ela era filha da dona Jurema com Deoclécio, seu primeiro marido, que infelizmente falecera de tuberculose pulmonar crônica

ainda bem jovem. Ela se portava como se fosse a tutora das irmãs mais jovens.

Pedro e sua irmã Ruth, que apesar da pouca idade, não perdia por nada esses encontros, e eram figuras cativas nas brincadeiras. Ela não queria desperdiçar a oportunidade da franca diversão, e quem sabe um aprendizado para o futuro.

Foi bem em um desses instantes que o interesse de Pedro por Mila, embora não revelado, pois não era de conhecimento público, era notório no brilho dos seus olhos, ao ver ela se aproximar, e também pela forma que ele a priorizava em tudo que pudesse favorecê-la nas brincadeiras.

Assim quis o destino que nos anos seguintes, conduzidos por circunstâncias familiares adversas, que fizeram com que se afastassem, e ambos foram levados para caminhos distintos: ela lançada ao léu, e ele foi levado para bem longe pela família, seguindo seu caminho, contudo ele deixou seus doces sentimentos bem guardados no baú das suas memórias de um passado, que embora tivesse ficado adormecido por algum tempo, nunca foram olvidados.

Para as suas irmãs a vida continuou a mesma, porém em Mila, a tristeza prevalecia, com a ausência de Pedro. Ela sabia que quase nada poderia ter feito para evitar sua partida, e com a sua viagem já acontecida, isso era um fato consumado. Nada poderia fazer para alterar

essa triste realidade. Por outro lado, para os outros jovens, inclusive suas irmãs, as brincadeiras continuaram da mesma forma. Para Mila, a diversão Pêra, uva, maçã e salada mista, não mais a entretia, e ela não mais participou.

Embora não tivesse como explicar a angústia que sentia com a ausência de Pedro, por saber que era ainda muito jovem para ter no peito um sentimento tão forte, a resposta veio na lembrança do beijo, que de alguma forma, mudou algo dentro de si, fazendo com que instintivamente quisesse preservar aquele momento, não querendo que outra pessoa a tocasse para que não tirasse a memória daquele beijo molhado deixado por Pedro quando tocou seus lábios pela primeira vez na sua vida.

Com o passar do tempo, a tristeza foi se esvaindo no seu peito, e o momento do beijo foi se distanciando em sua memória. Ao fazer quinze anos, Mila adotou por conta própria, uma postura firme de grande mudança pessoal, assumindo uma transformação radical, como se saísse da fase larvária para se tornar uma linda borboleta, observada por todos onde quer que fosse naquele “habitat” onde vivia.

Ela se reconhecia, não sofrer com nenhuma influência das irmãs, e se via como uma atraente mulher, mesmo tendo tão pouca idade. Nessa fase, sentindo-se senhora de si, tornou-se um tanto indócil, descontente com quase tudo que a vida ali poderia lhe oferecer.

Disfarçava seu desassossego exibindo seu lindo corpo esguio por onde passava. Sem saber explicar, sentia no peito um anseio oculto de sair dali para conhecer o que havia do outro da montanha. Sonhava que algum dia viria alguém que a arrebataria tomando-a em seus braços, levando-a para bem longe.

Se isso não acontecesse, quando alcançasse autonomia e ganhasse dinheiro o suficiente para ter condições de se sustentar, iria embora para nunca mais voltar, ganharia o mundo. Toda inquietude era demonstrada nas suas atitudes e ficava evidente que apesar de toda formosura, ela não era feliz.

O tempo foi passando, e nada do que ela esperava viver, aconteceu de fato em sua vida. Os dezoito anos já estavam chegando bem próximo, mas sem grandes mudanças, contudo, o destino lhe pregou uma peça. Na festa da padroeira, ao passar pela praça da matriz, viu um rapaz que conversava com os amigos que de algum modo mexeu com seus sentimentos.

Como um vulcão incandescente, mudou seu modo de ver, com o sentimento ardido que queimava por dentro, e mudava também seu ambiente e seu caminho, e ele então mexeu com sua cabeça. Ele despertara seu coração adormecido desde a muito tempo após a partida de Pedro, seu colega de brincadeiras e que um dia lhe beijara.

Ela não sabia explicar, mas era uma nova forma de afeto que despontava no seu coração. Era de fato um amor à primeira vista, e esse sentimento era diferente de tudo que percebera até então. Embora ela não estivesse esperando por algo assim, sentia que ele era bem-vindo, mesmo dessa forma tão violenta queimando no peito.

Era algo invasivo e de tão forte, e ao olhá-lo, sem que ela quisesse, brotava nos lábios um sorriso de alegria por saber que uma pessoa assim existia, e estava bem ali, quem sabe ao seu alcance. Lembrou-se de ter visto algo tão avassalador somente nos livros de romances, porém nunca na vida real, pelo menos na sua vida, isso não havia acontecido.

Pela arcaica e rígida criação recebida dos pais, principalmente pela orientação da sua mãe, ela aprendera não lançar olhares comprometedores para quem quer que fosse mesmo sentindo algo tão significativo e inusitado como lhe acontecia agora.

Ela se preocupava com o recato, depois com o restante. Bastava que fosse flagrada disparando olhares interessados para alguém desconhecido, e cairia em desgraça, sendo vista como uma mulher oferecida, indo certamente parar na boca do povo. Daí em diante, os comentários seriam inevitáveis.

Mesmo que não fosse verdade o que dissessem, o que de fato não seria, o que foi dito por muitos se tornaria real aos olhos de tantos outros. Pelo maldar daquela

gente, certamente esse fato ela se tornaria suspeita diante dos olhos de todos, não necessariamente pelo que fez, mas pelo que o povo diria que ela tivera feito, e que, sem dúvida, ao ser contado e recontado, iria longe, sendo aumentado e modificado outro tanto à proporção que caminhar.

Nessa andança de voltas e voltas em torno da praça, sem coragem para se aproximar dele, ou permitir que ele se aproximasse dela, ela tentava encontrar alguém que o conhecesse, e que pudesse lhe dar alguma informação do rapaz, e quando buscava ver se encontrava alguém, viu uma amiga, e quem sabe ela o conhecesse e pudesse lhe dar alguma informação. Foi quando encontrou Beth, sua colega dos tempos de escola.

Pela intimidade que tinham de anos de estudos juntas, ela foi direto ao assunto sem rodeios, perguntado se ela conhecia o lindo rapaz do seu interesse, apontando-lhe discretamente no meio da multidão, querendo saber se ele morava na cidade. Beth era daquelas meninas que levava muito a sério saber da vida alheia. Ela não o fazia por mal, mas porque conhecia quase todas as famílias que viviam ali já há muito tempo, e por ela ser ligada em tudo que acontecia ao seu redor, e de todos de quem conhecia ou sabia de algum particular.

Demonstrando eficiência no seu papel de repórter popular, informou-lhe com todas as letras quem era Roberto, mais conhecido por Beto. Ele era filho de um rico

fazendeiro da região, mas estudava agronomia em São Paulo.

Satisfeita com a nota recebida, Mila agradeceu e rapidamente saiu em direção ao rapaz, agora bem mais orientada. Apesar do seu interesse ficar mantido, as informações foram como um balde de água fria nas suas pretensões, pois o filho de fazendeiro estudava em uma universidade fora do estado, e certamente se formaria, e voltaria para o reduto onde fora criado para cuidar das suas posses, e se ela apostasse nele como sua chance de sair dali, estaria fadada a envelhecer e morrer naquela cidade, e infelizmente decidira que antes de começar algo para o futuro, admitiu até sua aproximação, contudo descartava algo mais sério entre eles.

Como diz o ditado: “O futuro a Deus pertence”, apesar de ele parecer estar atento à conversa com os amigos, ele também a observava atentamente. Quando ela passou por ele, e pela primeira vez lançou um olhar mais direto, sorrindo, mostrando simpatia, ele sorriu.

Pelas informações obtidas, desapontada, ela já pensava em desistir de levar adiante suas primeiras intenções. Já caminhando para casa, deixando para trás aquele que chamara sua atenção, frustrada decidiu seguir o caminho de casa. Mas Beto, ao vê-la passar, mesmo dando continuidade a conversar com os amigos, para sua surpresa, vira-se subitamente surgindo à sua frente, fazendo com que ela parasse, percebendo por certo ao que ela já estava indo embora.

O coração de Mila disparou ao vê-lo parado à sua

frente, e tão perto. Por mais que quisesse justificar sua atitude aparentemente desinteressada, não via defeito no rosto daquele homem que pudesse ser usado com argumento para desmerecer sua beleza. De forma nenhuma lhe era negado valer a pena sua admiração, pois ele era realmente um sonho. Era um alguém com quem qualquer mulher fantasiaria seus encontros e muito mais.

Ele então disse ao se aproximar:

- Oi menina linda!

- Posso saber seu nome?

Sua voz era suave, porém firme. Não demonstrava qualquer indecisão.

Certamente o que dissera era uma “cantada”, e coisa como essa, não seria bem aceita, por uma menina que se preze, mas ela estava mais que inclinada a admiti-la, na esperança de ver até onde ele iria chegar.

- Oi! Respondeu ela, se apresentando em seguida.

- Meu nome é Camila, mas me chame de Mila!

- E você, qual é o seu nome?

- Roberto... Roberto Saraiva, mas me chame de Beto; riram os dois.

Ela sabia, mas se fez de desentendida.

- Então, Beto...

- Prazer em conhecê-lo!

Disse ela sorrindo mais uma vez, estendendo-lhe a mão para o cumprimento.

Ousadamente ele deu um passo para frente, se aproximando um pouco mais. Segurou-a delicadamente pelos ombros, puxou-a para si, e deu-lhe dois beijos na face.

E em seguida disse:

- Posso saber aonde você estava indo?

Antes que ela respondesse, ele continuou:

- Posso te acompanhar?

Meio desconcertada pelos beijos na face, que ela, ao tentar se esquivar, recebeu-os bem próximo à boca, tentando sorrir para disfarçar seu desconforto respondeu:

- Acompanhar-me?

Tentando inutilmente evitar sua proximidade, e sem nem mesmo esperar sua resposta, acrescentou:

- Só estou passeando.

- Estou, como todo mundo, dando voltas ao redor dessa praça, mas já estou indo para casa.

E concluiu:

- Eu só estava passeando mesmo!

Ele sorriu e disse:

- Gostaria de te acompanhar nesse seu passeio ao redor da praça, ou te levar em casa, caso possa.

Apesar do interesse que ela teve por ele, ela continuou a jogar duro, no entanto deixando um espaço para que ele não desistisse.

-não! E disse como que por brincadeira:

- Se te agrada ficar ao meu lado, não vejo porque.

Ele perguntou:

- Você mora próximo?

- Moro sim... Um pouco...Disse

ela.

E completou:

- Na verdade, apesar de nunca ter tido a

oportunidade de sair daqui para viver em outro lugar, o que é o meu maior anseio, moro em uma rua próxima.

- E você, de onde é?

- Sou daqui mesmo, mas estou estudando fora.

- Estou de férias na faculdade.

- Mas elas estão terminando, e logo terei que voltar às aulas.

- Estudo agronomia em São Paulo.

- Uau!

- Parabéns!

- Então você é agrônomo? Perguntou ela.

- Ainda não, mas em um ano mais ou menos termino o curso, e espero ser. Disse ele.

E continuou:

- Mas serei doutor só depois que me formar!

- Minha família vive na roça.

- Eles moram em uma fazenda próximo daqui.

- Estamos na cidade somente por causa dos festejos.

- Temos uma casa próximo para passar alguns dias junto à civilização. Disse ele sorrindo.

- Entendo.

- Chique ter essa opção de escolha, não? Disse ela.

- Nem tanto.

- Só é prático. Respondeu ele.

- Evitamos assim o ir e vir de todos os dias durante os festejos da padroeira.

Então ela mudou de assunto perguntando:

- Por que você se aproximou de mim?

E completou:

- Há tantas outras garotas passeando pela praça?

- Será que foi por você me ver andando sozinha e isso o incentivou a se aproximar?

Temendo ser mal interpretada, explicou:

- Sei que é incomum uma garota andar sozinha nos festejos, e mesmo assim parar para conversar com alguém a quem não foi apresentada.

- Claro que não! Enfatizou ele.

- E por outro lado, eu já me apresentei.

E completou:

- Não posso negar que você tenha chamado minha atenção ao passar.

Ela perguntou, tentando tirar o foco das perguntas de si mesma:

- Você tem irmãos?

- Não.

- Sou filho único. Disse ele.

Ela continuou alimentando o assunto:

- Tenho três irmãs.

- Elas viriam comigo, mas na saída de casa, acabaram desistindo, e eu então decidi vir só.

- Sorte minha! Disse ele tentando brincar.

- Se vocês estivessem juntas, eu não teria a chance de me aproximar.

- Ah, isso é verdade!

E brincando também disse:

- Elas certamente não te dariam essa ousadia!

- Linda, minha irmã mais velha, não deixaria eu nem mesmo olhar para você, quem dirá que conversássemos!

Ele se apressou em esclarecer:

- Pode acreditar que não foi por você estar só que me interessei por ti.

- Te olhei e vi que você também me olhava, e isso me encorajou.

- Veja como tenho razão:

- Você passou e me olhou três vezes, estou errado?

- Resolvi então tentar te conhecer.

- E tem mais um detalhe:

- Fiquei interessado em você porque você é absolutamente linda, e chamou bastante minha atenção!

- Adorei seu jeito muito especial de ser!

Encabulada com tantos elogios, ela enrubesceu, e sorrindo mudou o rumo da conversa para uma tirada engraçada:

- Talvez tenha sido meu vestido novo que tenha chamado sua atenção!

- Foi minha mãe quem fez para eu vir à esta festa!

- Sim, claro, também reparei a beleza do seu vestido!

- Adorei!

- Parabênize sua mãe pela obra prima.

- Se me permite dizer, ele caiu muito bem em você, valorizando suas curvas.

Ela então disse:

- Sei que não sou tudo isso, mas fico agradecida por suas palavras elogiosas.

Ela então mudou novamente o foco da conversa dizendo em tom alegre:

- Não fique tão vaidoso por eu também ter

observado sua presença na praça.

Então ele disse sorrindo:

- Isso quer dizer que você também me achou atraente?

Ela rebateu com ar de reprovação:

- Sim, mas não seja tão presunçoso!

- Não pense que havia somente você de vistoso nessa festa!

- Claro que reconheço seu charme especial, mas há outros rapazes que por sua elegância e beleza também chamam atenção de quem passa, você não acha?

- Preciso mesmo dar a minha opinião?

- Não necessariamente.

Ele aparentava não ter gostado muito da sua observação, mas sem responder ao questionamento, sorriu para descontrair.

Achou que o que dissera em tom de brincadeira não fora bem interpretado. Buscando a paz, e evitando polemizar, ele mudou de assunto:

- O que você quer fazer além de dar voltas ao redor da praça ou ir para casa?

- Acho que chega de dar voltas, você não acha?

Antes de ela pudesse responder, ele continuou:

- Tenho uma ideia!

- Podemos parar e comer algo nas barraquinhas daqui ou do lado de fora.

- Digo isso porque lá fora tem menos gente, e poderíamos conversar melhor, o que você acha?

- Mas se você quiser me espera aqui, vou lá e busco algo para você.

- Para mim não precisa, obrigado, mas se você estiver com fome, te acompanho onde você quiser ir.

Na verdade, a intenção dele era aproveitar estarem sós, e sair da multidão, talvez indo para algum lugar mais reservado.

- Poderíamos também sair e ir a outro lugar.

Antes que ela dessa sua resposta ele completou:

- Tenho uma sugestão!

- Conheço um lugar que serve pães de queijo incríveis!

- Verdade?

Disse ela interessada, e completou:

Adoro pão de queijo!

- Onde é esse lugar?

- É perto daqui?

- Não muito, mas também não demora muito para chegar se formos de carro.

- Onde é?

- No aeroporto.

- No aeroporto?

Disse ela espantada colocando as duas mãos no rosto.

- Não lá não... É muito longe.

- Não é não!

- São apenas quatro quilômetros.

- Vamos e voltamos logo! Disse ele.

- Meu carro está logo ali na esquina!

-A ideia de comer pão de queijo quentinho e

crocante como eu me lembro, acordou minha fome!

Disse ela sorrindo.

Vendo que havia despertado seu interesse para algo ele então disse:

- Vai valer a pena, você vai ver. Disse ele tentando incentivá-la.

- Eu sei que você vai adorar.

Apesar de ela estar meio desatinada para tomar essa decisão, viu que seria muito arriscado sair com um quase desconhecido de carro, sem uma companhia. Se suas irmãs estivessem com ela, não haveria problemas, mas sozinha, ela achava imprudente se arriscar.

Por sorte, ela olhou por sobre seus ombros, e viu Beth um pouco adiante e disse:

- Você se importa que eu chame uma amiga para ir conosco?

- Não, claro que não!

Disse ele aparentando concordar, mas por certo no seu íntimo torcia para que ela não encontrasse quem pudesse acompanhá-los.

Ao avistar Elizabeth, ela a gritou chamando seu nome:

- Beth!

- Beth!

Ela ouviu, e virou o rosto para ver quem era a pessoa que gritava seu nome.

Mila então ergueu os dois braços, e saltitando gritou mais alto ainda:

- Beth, estou aqui!

Ao finalmente conseguir avistar a dona da voz, Beth se aproximou e perguntou:

- O que você quer comigo Mila?

Beth era uma moça magra, e aparentava ser bem mais velha que Mila. Desprovida de certos atributos físicos necessários para chamar atenção do sexo oposto no primeiro olhar, ficava claro que lhe faltava alguma coisa para que se tornasse alvo do interesse masculinos, somente pelo que expunha. Dentuça e de cabelos ralos, que deixavam sua face toda à mostra, e seus cabelos não ajudavam a emoldurar seu rosto de aspecto fino e comprido. Seus olhos castanhos claros, apesar do brilho e aparente beleza, infelizmente não a salvavam da fatalidade, pois ver apenas a beleza dos olhos, não seria o suficiente para valorizar o restante da obra. Não era uma construção harmônica. Os olhos não contribuía para melhorar o todo. Parece perverso dizer, mas não adianta a natureza colocar olhos bonitos em alguém não tão atraente. Quem olha seu rosto de frente, tem a nítida impressão de seus olhos serem estrábicos, apesar de não serem. Mila gostava muito dela, e certamente a recíproca era verdadeira. Estudaram juntas durante todo o segundo grau, e sem planos do que fazerem para se formarem no ensino superior, ficaram um tempo sem estudar, e esse tempo se estendeu até então.